

A maioria dos economistas tende a ignorar a realidade ^{6 con. 15/2/84} 30 JUL 1984

Irving Kristol (*)
do The Wall Street Journal

O problema da maioria dos economistas é que, embora possam ensinar as virtudes dos mercados, realmente não acreditam nelas. Em vez disso, acreditam na economia — nas verdades estabelecidas por uma cadeia de raciocínio rigoroso que começa com modelos hipotéticos e chega a conclusões no mundo real. Criticar uma política econômica dizendo que "poderia funcionar na prática, mas não em teoria", seria considerado um tanto peculiar pela maioria das pessoas. Mas não pelos economistas, que estão fazendo isso o tempo todo, já que claramente subordinam realidades econômicas óbvias à sua análise econômica soberana.

Senão, como explicar a crítica à "reaganomia" por quase todos os economistas europeus, bem como pelos economistas norte-americanos, inclusive pela esmagadora maioria dos que trabalham em empresas? A economia norte-americana sob a direção de Ronald Reagan está indo muito bem. As economias da Inglaterra, França, Alemanha, Holanda, etc. estão mostrando mau desempenho. A maioria dos europeus trocaria com satisfação as políticas econômicas de seus governos pela de Ronald Reagan. Mesmo assim, as medidas econômicas de Reagan são objeto de críticas e controvérsias.

Se essas críticas forem examinadas com atenção, elas se resumem à crença de que a forte recuperação econômica norte-americana é de certo modo "irreal" ("não firme" é outra maneira de a classificar). Essa crença, por sua vez, advém da convicção de que a forte recuperação americana nunca deveria ter acontecido, porque as taxas de juros estão demasiadamente altas e o déficit em proporção ao PNB é excessivo. Bem, certamente seria agradável se as taxas de juros e o déficit fossem menores do que são. Mas as políticas alternativas recomendadas a Reagan como economicamente "sólidas" são precisamente as adotadas pela primeira-ministra Margaret Thatcher já por seis anos. Ela não conseguiu nenhuma redução fiscal significativa, e

o déficit governamental inglês é uma percentagem menor em relação ao PNB. (Por sinal, a do presidente Mitterrand também é!) Como resultado, ela dirige uma economia estagnante, com mais de 12% de desemprego. E isso o que queremos?

Não, evidentemente que não, respondem os críticos rapidamente. O fracasso de Thatcher foi sua inabilidade de diminuir os gastos governamentais para que os impostos pudessem ser reduzidos com segurança. Mas de que jeito se podem reduzir gastos governamentais com um desemprego de 12%? Não pode ser feito, como Thatcher deve ter descoberto agora. De fato, por ser uma mulher inteligente, ela provavelmente teria descoberto isso, não fosse o fato de que está cercada de economistas de primeira categoria, cujas prioridades acadêmicas são o inverso das que têm sentido no mundo real.

Agora, ficou óbvio com a experiência norte-americana que diminuir o ritmo de expansão dos gastos governamentais é extremamente difícil, mesmo quando existe uma forte recuperação econômica. Interesses setoriais em programas governamentais foram criados, o confronto com os quais é perigoso para os políticos democratas.

Mas é plausível que teremos uma melhor probabilidade de enfrentar esse problema político se menos pessoas dependerem desses programas e se as pessoas puderem encontrar oportunidade de carreira em um setor privado em crescimento. Pode ser plausível — mas aparentemente não resiste ao raciocínio estritamente econômico.

É também esse estranho raciocínio econômico que explica por que o Federal Reserve Board permitiu às taxas de juros subir tanto. O Fed também tem fé muito maior na economia financeira do que nos mercados financeiros. Ele sabe que um ritmo de expansão de 6% ao ano para a economia norte-americana precisa ser inflacionário. Como sabe disso? Bem, uma pesquisa da história econômica norte-americana revela que a taxa média da expansão econômica durante um século e meio é de cerca de 3%. Portanto, conclui o Fed, deve-se "gerir" a expansão do PNB ameri-

cano de modo que ela flutue somente um pouco abaixo ou acima dessa média. E faz isso mediante a "gerência" dos meios de pagamento e do crédito para alcançar as "metas" receitas.

O que o leitor pensaria de um médico que tentasse "gerir" o crescimento de seu filho de modo que apresentasse uma média de 3,4 polegadas exatas ao ano? Pensaria, muito apropriadamente, que ele é altamente excêntrico, se não positivamente louco. Mas, se ele fosse um economista, o leitor o nomearia para o Federal Reserve Board.

Como o Fed confia na teoria econômica mais do

que nos mercados para fixar os preços de seus produtos (dinheiro e crédito), ele pode ignorar hoje o fato de que os mercados de ouro e metais preciosos, junto com outros mercados de commodities, estão indicando vigorosamente o temor de deflação, e não a inflação. E se são as "expectativas inflacionárias" que levam as taxas de juros de longo prazo a subir tanto, por que o dólar está tão forte?

Existem sempre duas possíveis explicações para o tipo de taxa de juros "reais" elevada, de longo prazo, que estamos tendo agora. De fato, uma é a prevalência das expectati-

vas inflacionárias. A outra é que a autoridade monetária central está sendo indevidamente rigorosa. E há uma única maneira de descobrir qual é a explicação correta. Isso consiste em testar continuamente os mercados financeiros para descobrir o preço "correto" (isto é, não-inflacionário) para os produtos do Fed.

O que o Fed deveria estar fazendo, portanto, é utilizar a única taxa de juros sobre a qual tem controle indisputado — a taxa de fundos federais de overnight — para pesquisar o mercado, buscando constantemente o preço "correto".

Parece perfeitamente sensato, não é? Afinal, é a forma como todos os produtores fixam o preço de seus produtos para todos os mercados. Mas, se alguém for a Washington com essa idéia obviamente sensata, se verá rapidamente em confronto com uma falange de economistas que quase não lhe prestam atenção. E que eles "sabem". E seu "conhecimento" pode ainda despachar a economia norte-americana a uma nova recessão.

(*) Professor da Escola de Administração de Empresas da Universidade de Nova York; membro do Instituto Norte-Americano de Empresas.

GAZETA MERCANTIL